



O ENSINO DO PROCESSO DE ENFERMAGEM NA ÓTICA DOS DOCENTES
THE TEACHING OF NURSING PROCESS FROM THE PERSPECTIVE OF PROFESSORS
LA ENSEÑANZA DEL PROCESO DE ENFERMERÍA DESDE LA PERSPECTIVA DE LOS DOCENTES

Carlise Soares da Rosa¹, Wilson Danilo Lunardi Filho², Fernanda Demutti Pimpão³, Joice Simionato Vettorello⁴

RESUMO

Objetivo: conhecer como vem sendo ensinado o Processo de Enfermagem por docentes. **Método:** estudo exploratório, descritivo, com abordagem qualitativa. A produção de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário e realização de entrevista semiestruturada. Participaram 14 docentes de uma instituição pública do extremo sul do Rio Grande do Sul, após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, parecer 174/2011. Depois de transcritas, as entrevistas foram lidas, relidas e analisadas, com base na análise textual discursiva. **Resultados:** pôde-se constatar que os docentes não ensinam nem exigem a utilização do Processo de Enfermagem de forma completa pelos discentes. São utilizadas apenas algumas das etapas do Processo de Enfermagem, sendo dada prioridade à evolução de enfermagem. **Conclusão:** não existe consenso entre os docentes quanto à abordagem de ensino do Processo de Enfermagem. Além disso, há pouca adesão nos cenários de práticas, o que pode dificultar o aprendizado do discente, com repercussões para o futuro profissional. **Descritores:** Docentes; Processos de Enfermagem; Ensino; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to get to know how Nursing Process is being taught at undergraduate level. **Method:** this is a descriptive, exploratory, qualitative study. Data were collected through administration of a questionnaire and through semi-structured interviews with 14 professors who taught at a public institution in the South of Rio Grande do Sul. The research project was approved by the Research Ethics Committee, opinion 174/2011. The interviews were first transcribed, then read, reread and analyzed using discursive textual analysis. **Results:** we found that professors do not teach nor require students to fully use Nursing Process. Only a few steps of nursing process are used and priority is given to the evolution of nursing. **Conclusion:** There is no consensus among professors as to what approach should be used in the teaching of Nursing Process. In addition, there is poor adherence to it in practical settings, which hinders the learning process and could have repercussions for their future professional lives. **Descriptors:** Faculty; Nursing Process; Teaching; Nursing.

RESUMEN

Objetivo: conocer cómo se enseña el proceso de enfermería. **Método:** se trata de un estudio exploratorio, descriptivo, cualitativo. La recolección de los datos se llevó a cabo mediante un cuestionario y entrevistas semi-estructuradas a 14 profesores de una institución pública en el sur del estado de Rio Grande do Sul. El proyecto de investigación fue aprobado por el Comité de Ética en Investigación, opinión 174/2011. Una vez transcritas las entrevistas, se procedió a la lectura, relectura y análisis de las mismas, por medio de técnicas de análisis textual discursiva. **Resultados:** se constató que los profesores no enseñan ni requieren el uso integral del Proceso de Enfermería por los estudiantes. Solamente algunas etapas del proceso de enfermería son utilizadas, dándose prioridad a la evolución de enfermería. **Conclusión:** no hay consenso entre los profesores sobre qué abordaje debe ser utilizado en la enseñanza del proceso de enfermería. Además, hay poca adherencia al PE en los escenarios de prácticas, lo que puede dificultar el aprendizaje de los estudiantes y tener repercusiones en su futuro desempeño profesional. **Descriptores:** Docentes; Procesos de Enfermería; Enseñanza; Enfermería.

¹Enfermeira, Residente do 2º ano da Ênfase Atenção ao Paciente Crítico - Grupo Hospitalar Conceição - Escola Grupo Hospitalar Conceição. Rio Grande (RS), Brasil. E-mail: carlisedarosa@gmail.com; ²Enfermeiro, Professor Doutor em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2. Rio Grande (RS), Brasil. E-mail: lunardifilho@terra.com; ³Enfermeira, Doutoranda em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Pernambuco/UFPE. Maceió (AL), Brasil. E-mail: fhernandapimpao@yahoo.com.br; ⁴Enfermeira, Mestre em Enfermagem, Professora Substituta, Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia/IFRS - Campus Rio Grande (RS), Brasil. E-mail: joicesimionato@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), na Resolução 272/2002, estabeleceu que a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) é uma atividade privativa do enfermeiro no seu processo de trabalho, para, assim, melhorar a qualidade da assistência de enfermagem.¹ Mais recentemente, o COFEN publicou a Resolução 358/2009, que considera que a SAE orienta o cuidado profissional em relação ao método, à equipe e aos instrumentos, tornando possível a operacionalização do processo de enfermagem (PE), que, por sua vez, é um instrumento metodológico que orienta o cuidado profissional de enfermagem e a documentação da prática.²⁻³

O PE pode ser considerado um processo metodológico que organiza o trabalho do profissional de enfermagem em relação ao método, proporcionando uma maior autonomia para o enfermeiro e tornando assim visíveis os cuidados prestados aos pacientes. O PE tem sua importância, pois mostra uma visão global das situações de saúde do paciente, orientando, de forma científica, a execução do cuidado individualizado, que atenda às necessidades afetadas. Além de enriquecer a prática assistencial, o PE direciona o ensino.

O Ensino de Graduação em Enfermagem é orientado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais, que definem os princípios, os fundamentos, as condições e os procedimentos para a formação de enfermeiros no Brasil. Elas apresentam as competências e habilidades a serem desenvolvidas no decorrer da formação do acadêmico de enfermagem, tais como: prestar uma assistência integral e individualizada, atendendo às necessidades do indivíduo, da família e/ou da comunidade; gerenciar o processo de trabalho de forma adequada; e coordenar o processo de cuidar.⁴

A aprendizagem do cuidado ocorre necessariamente dentro do relacionamento estudante e pessoa cuidada. É nesse contexto que o estudante aplica e transforma os conhecimentos teóricos aprendidos na sala de aula, por meio de ações práticas de cuidado, apoiadas pelo docente, que orienta e propõe meios de aplicar o cuidado de enfermagem.⁵

O ensino do PE pelos docentes é fundamental para a formação de um profissional competente e preparado para prestar uma assistência de enfermagem qualificada e humanizada aos pacientes. Ele pode ser considerado um desafio para os docentes, pois requer aprofundamento de

conhecimentos e utilização de novas metodologias de ensino. Em face disso, espera-se que o ensino do PE nos cursos de graduação em Enfermagem contribua para aprimorar as práticas e que sua implementação definitiva nas Instituições de Ensino Superior contribua para o aprendizado do discente e a consequente adoção na prática profissional futura.⁶

Durante as atividades práticas desenvolvidas no hospital universitário da instituição de ensino, não se visualiza a implementação do PE pelos enfermeiros na sua práxis. O PE é realizado apenas pelos acadêmicos de enfermagem, de maneira desarticulada com os profissionais do serviço. Isso gera uma desarmonia entre o que é ensinado na academia e o que se vivencia no âmbito assistencial.

A incipiente utilização do PE nos cenários de saúde, dentre outros fatores, pode advir da formação, visto que muitas enfermeiras têm vivenciado dificuldades para desenvolver essa metodologia no seu cotidiano laboral.⁷ Somando-se ao insuficiente conhecimento acerca da aplicação do PE, citam-se também as diferentes abordagens no seu ensino, o que pode dificultar sua aprendizagem pelo discente, tornando-se mais um empecilho no uso deste instrumento de trabalho. Assim, questiona-se: Como vem ocorrendo o ensino do Processo de Enfermagem?

Considera-se que este estudo poderá contribuir para estimular a discussão do processo de ensino-aprendizagem do Processo de Enfermagem e levantar possibilidades de melhorias na formação, que sejam capazes de impactar positivamente a futura aplicação do PE no cotidiano laboral da profissão. Logo, tem-se como objetivo:

- Conhecer o ensino do Processo de Enfermagem em um curso de graduação em enfermagem.

MÉTODO

Estudo descritivo, exploratório, com abordagem qualitativa, realizado em uma instituição de ensino superior pública do extremo sul do Rio Grande do Sul. Este estudo foi apresentado como trabalho de conclusão do curso de graduação em enfermagem na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Rio Grande (RS), Brasil, em 2012.

Foram convidados a participar do estudo 27 docentes do curso de graduação em enfermagem, cujo currículo, de acordo com o Projeto Político Pedagógico, tem o Processo de Enfermagem como um dos principais elementos que compõem um dos seus eixos transversais.

Como critérios de inclusão, foram considerados: docentes graduados em enfermagem; atuar nas disciplinas lotadas no curso de enfermagem da instituição em pesquisa; e afirmar ensinar e/ou utilizar o PE na disciplina que leciona. Foram excluídos os docentes com formação em áreas diferentes da enfermagem; aqueles que ministravam disciplinas cujo PE não se encaixava como eixo transversal; e docentes que estavam em férias ou licença saúde no período de coleta de dados.

A produção de dados foi realizada no período de novembro de 2011 a março de 2012, e ocorreu em dois momentos. Primeiramente, identificarem-se os docentes que poderiam ministrar disciplinas que abordassem parcial ou totalmente o Processo de Enfermagem, totalizando 27. Eles foram convidados a participar da pesquisa e foram questionados com a seguinte pergunta: “Você ensina e/ou utiliza o Processo de Enfermagem nas disciplinas que ministra?”.

Desses, apenas 14 docentes responderam afirmativamente à questão e foram incluídos no estudo, sendo os demais excluídos. Com aqueles que aceitaram participar da pesquisa e responderam sim à pergunta, deu-se início à coleta de dados, mediante entrevista individual semiestruturada. As questões da entrevista enfocaram: metodologia de ensino, teoria de enfermagem, etapas do processo de enfermagem abordadas, atividades teórico-práticas no ensino, forma de participação do estudante, dificuldades/facilidades no processo de ensino-aprendizagem do processo de enfermagem.

A duração das entrevistas variou entre 6 minutos e 50 minutos. As entrevistas foram realizadas em uma sala na área acadêmica da instituição de ensino, gravadas com a utilização de MP4 e, posteriormente transcritas para análise. Depois de transcritas, as entrevistas foram lidas, relidas e analisadas, com base na análise textual discursiva, o que envolveu a desconstrução dos textos em unidades de análise para examinar os materiais em seus detalhes. A

partir disso, procedeu-se ao estabelecimento das relações, que foram organizadas em categorias e subcategorias, de acordo com a similaridade dos enunciados. Por fim, a descrição e a interpretação dos dados foram fundamentadas e validadas, a partir de interlocuções empíricas ou ancoragem de argumentos em informações retiradas dos textos.⁸

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde, sob o parecer número 174/2011. Foram respeitados todos os preceitos éticos e legais preconizados na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, que rege pesquisas envolvendo seres humanos. Todos os participantes assinaram o TCLE. Para preservar o anonimato dos entrevistados, eles foram citados por meio de adoção de códigos, compostos pela inicial D, correspondente a docente, seguida do número correspondente à ordem de realização das entrevistas (D1, D2, D3 e assim por diante).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No total, participaram do estudo quatorze docentes que responderam afirmativamente à questão se ensinavam e/ou utilizavam o PE. O perfil docente caracterizou-se como: sexo feminino (treze docentes), faixa etária entre vinte nove e cinquenta e oito anos. O ano de conclusão do Curso de Enfermagem variou entre 1976 e 2006. Quanto à titulação, oito eram doutores e seis eram mestres. A maioria ministra mais de uma disciplina da grade curricular do Curso de Enfermagem lotada na Escola de Enfermagem. No Quadro 1, apresentam-se as disciplinas e as respectivas séries em que os docentes participantes da pesquisa lecionavam.

Série	Disciplinas
Primeira	Políticas Públicas em Saúde e Enfermagem; Saúde Ambiental.
Segunda	Semiologia e Semiotécnica I.
Terceira	Sistematização da Assistência em Enfermagem; Semiologia e Semiotécnica II;
Quarta	Educação em Saúde; Assistência de Enfermagem na Saúde da Criança e Adolescente I; Assistência de Enfermagem na Saúde da Mulher; Assistência de Enfermagem em Situação de Doenças Transmissíveis.
Quinta	Assistência de Enfermagem ao Adulto em Intercorrências Clínicas; Administração em Enfermagem; Exercício da Enfermagem; Pesquisa em Enfermagem.
Sexta	Assistência de Enfermagem ao Adulto em Intercorrências Cirúrgicas; Enfermagem em Centro Cirúrgico e Centro de Materiais e Esterilização; Enfermagem Gerontogeriátrica.
Sétima	Enfermagem na Rede de Atenção Básica à Saúde; Gerenciamento de Enfermagem Hospitalar; Assistência de Enfermagem na Saúde da Criança e Adolescente II.

Figura 1. Caracterização das disciplinas e respectivas séries dos docentes participantes do estudo. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2012.

A partir da análise das entrevistas, emergiram duas grandes categorias, conforme o demonstra a Figura 2.

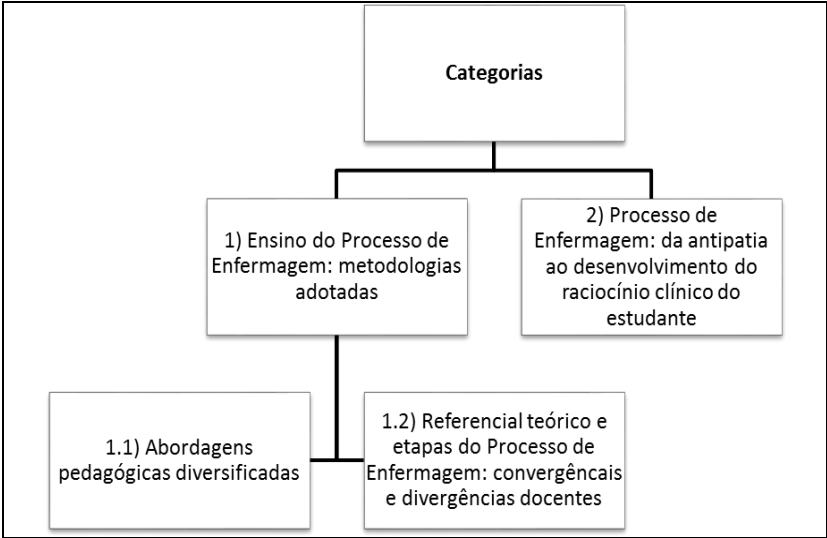


Figura 2. Fluxograma das categorias temáticas. Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2012.

◆ **Ensino do Processo de Enfermagem: metodologias adotadas**

● **Abordagens pedagógicas diversificadas**

Evidenciou-se uma gama de metodologias empregadas no processo de ensino-aprendizagem do Processo de Enfermagem, englobando atividades teóricas, tais como o uso de casos clínicos e simulados, e práticas, mediante o contato direto com o paciente no cenário de saúde e tendo como instrumento o estudo de caso apresentado e discutido na forma de seminário.

[...] Fazem histórico simulado em sala de aula. Depois, vai para prática. (D14)

Dentre um conjunto de fatores que pode contribuir para o ensino efetivo do PE, cita-se a variedade de recursos pedagógicos, sobretudo, o uso da problematização mostrou-se eficiente para o aprendizado do aluno, incluindo também o uso de tecnologias.⁹ Essa abordagem permite que o aluno construa o conhecimento e favorece a aprendizagem significativa do educando, de forma que ele participe de forma ativa do processo de ensino-aprendizagem.

[...] Se faz algumas situações problemas, durante o semestre, onde a gente pede para que o aluno faça esse exercício [...] Tem

que trazer diagnósticos de enfermagem. E, em seminário, [...] a gente pede para cada grupo que vai apresentar as doenças que couberam a eles trazer diagnósticos de enfermagem. (D10)

Ocorrem, também, estudos de casos, em grande parte das disciplinas, para facilitar o aprendizado do aluno sobre o PE, fazendo-o refletir criticamente sobre seu conhecimento, para quando vier a ocorrer a aplicação de todas as etapas. No entanto, isso ocorre basicamente apenas de forma teórica, não havendo sua aplicação na prática, conforme evidenciado na fala a seguir.

Nas atividades teóricas, são feitos os diagnósticos e identificado o plano de cuidados. Dentro da prática, o aluno faz o cuidado integral desse paciente. [...] Quando ele chega ao campo de prática, ele fica com um paciente. Ele faz [mentalmente?] todo o processo de enfermagem, durante a prática. Quando ele sai, a última parte é a evolução. Neste período que ele tá lá, ele já faz avaliação de resultados. (D3)

De fato, no ensino do PE, em uma fase inicial, pode ser oportuno o uso do método expositivo pelo docente, devido às especificidades e novidades dos conteúdos

Rosa CS da, Lunardi Filho WD, Pimpão FD et al.

apresentados. Outra forma de ensino é uso de seminários, trabalhos, discussão em grupos, que apresentam um grande valor didático, pois os discentes se tornam mais participativos nas atividades, desenvolvendo habilidades para argumentar, expressar suas opiniões, aprender a escutar e compreender a ideia dos demais. Além disso, favorece a existência de uma interação maior entre o aluno e o professor.¹⁰

♦ Referencial teórico e etapas do Processo de Enfermagem: convergências e divergências docentes

Quanto ao uso de um referencial teórico que fundamente o Processo de Enfermagem, evidenciou-se que a maioria dos docentes baseiam-se na Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta. Outros, no entanto, parecem não dar importância para a teoria a ser adotada.

A teoria adotada é a teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta. Os diagnósticos de enfermagem são com base na NANDA, na classificação mais atualizada, classificação de 2009-2011 e a taxonomia II. (D4)

Teoria de Wanda Horta. As etapas do processo de enfermagem propostos por ela, mas já melhor definidos pela legislação e deliberações do COFEN. E se mostra um pouquinho, também, da[s] Teoria[s] de Orem e [de] King. Isso na disciplina da 3ª [série - Sistematização da Assistência de Enfermagem]. (D14)

Não utilizo nenhuma teoria de enfermagem. (D7)

Percebe-se ainda o desconhecimento com relação às teorias de enfermagem para desenvolvimento do Processo de Enfermagem, conforme se vê no relato abaixo:

Tem várias teorias da enfermagem, mas eu acho que, no meu caso, eu trabalho com a teoria sistêmica, associando os conhecimentos, dentro deste processo. (D1)

A teoria mais evocada pelos participantes do estudo foi a Teoria das Necessidades Humanas Básicas de Wanda Horta. Isso é coerente, já que este referencial teórico é o mais conhecido no Brasil e a teoria de enfermagem mais utilizada, pois, normalmente, seu ensino e utilização ocorrem de forma pontual e no início da vida acadêmica do estudante de enfermagem.¹¹

De acordo com a Resolução 358/2009 do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), as etapas do PE são: Coleta de dados de Enfermagem (ou Histórico de Enfermagem), Diagnóstico de Enfermagem, Planejamento de Enfermagem, Implementação e Avaliação de Enfermagem. Essas etapas são inter-

O ensino do processo de enfermagem na ótica...

relacionadas, interdependentes e recorrentes.²

Constatou-se que a maioria dos docentes não aborda o desenvolvimento de todas as etapas no decorrer das disciplinas, com exceção dos docentes da disciplina de Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE), que abordam todas as etapas.

Na 3ª série, ele vai desenvolver todas as etapas. Então, começa com atividades só de histórico de enfermagem. Fazem histórico [...] Na primeira prática, ele faz o histórico e entrega [...] ainda sem os diagnósticos. E, à medida que a gente vai tendo as aulas e discutindo [...] ele elabora os diagnósticos e resultados esperados. [...] deixam o registro no prontuário. [...] deixa em forma de evolução de enfermagem[...]. (D14)

Alguns docentes priorizam a elaboração do histórico de enfermagem ou a realização do exame físico ou da evolução de enfermagem nas disciplinas que ministram, conforme evidenciado nos seguintes relatos:

A nossa prioridade é o histórico de enfermagem. Durante todas aulas teórico-práticas, a gente faz a identificação de diagnósticos de enfermagem e prescrição de enfermagem, porém, de forma fictícia. Não chegamos a fazer avaliação do processo de enfermagem. (D4)

Como eu te falei, ao que a gente dá mais ênfase é à evolução diária. Essa evolução a gente faz. Eles registram, sob forma de SOAP: subjetivo, objetivo, análise e a prescrição, que eles têm a partir daquilo. (D13)

Olha! Aqui, a gente percebe mais o acadêmico realizando a parte inicial do histórico de enfermagem. Eu acredito que a parte dos diagnósticos de enfermagem é feita com bastante qualidade. Agora, a questão da prescrição de enfermagem fica realmente mais difícil, porque nós precisaríamos de um entrosamento, inclusive, com as equipes. (D1)

Percebe-se, nesse contexto, que cada docente valoriza uma etapa em detrimento de outras, o que pode prejudicar o aprendizado do PE, visto que o mesmo possui um caráter dinâmico e interdependente.

Os docentes afirmam não trabalhar com todas as etapas em uma única disciplina, mas exigir aspectos pontuais de cada uma delas, sem, contudo, realizar a prescrição de enfermagem como deveria.

[...] nós não trabalhamos com todas as etapas do processo. [...] O que se fez? Se combinou com os professores de SAE de se utilizar alguns aspectos comuns. (D6)

Primeiro, a gente faz a construção do histórico de enfermagem, que envolve a parte da entrevista, do exame físico [...]. Aí, a gente vai ver as características

Rosa CS da, Lunardi Filho WD, Pimpão FD et al.

definidoras, para poder avaliar... identificar, no caso, os diagnósticos de enfermagem, em algumas situações. Nem sempre se faz os diagnósticos de enfermagem. Mas, a implementação da assistência ela é baseada nas necessidades do paciente e de acordo com que foi evidenciado nas necessidades dele. Não propriamente por uma prescrição, que não existe na unidade, ainda. (D8)

Infer-se que os docentes não ensinam nem exigem o desenvolvimento e a implementação do PE de forma integral pelo aluno durante a realização das atividades práticas de suas disciplinas. Mesmo quando o histórico de enfermagem é realizado, nem sempre os diagnósticos de enfermagem são estabelecidos na prática. Já nas aulas teóricas, alguns docentes apresentam os diagnósticos de enfermagem mais comuns para determinada patologia e seus possíveis cuidados.

Estudo realizado com estudantes de ensino superior no município de Belém-Pará identificou dificuldade no aprendizado dos diagnósticos de enfermagem em duas dimensões. A primeira, estava relacionada à deficiência no embasamento teórico, que se reflete em dificuldades no processo diagnóstico. A segunda dizia respeito ao processo mental necessário para atingir o conhecimento diagnóstico.¹² Assim, o aluno coleta os dados, mas não sabe qual caminho percorrer para interpretá-los e identificar os problemas, em rótulos, por meio dos diagnósticos de enfermagem, os quais vão dar subsídios para as condutas a serem prescritas ao paciente.

Assim, percebe-se que a principal etapa desenvolvida é o relato das ações de enfermagem realizadas (SOAP - subjetivo, objetivo, avaliação e planejamento), cujas abordagens e ênfase parecem ser exigir que o aluno preste cuidados ao paciente e, depois, registre-os na forma de evolução de enfermagem.

Bom! É o seguinte: eu não posso dizer que eu seja uma professora que tenha adesão total ao processo de enfermagem, tá? Porque eu uso o sistema... nas práticas, a questão do SOAP. (D10)

A falta de adesão dos próprios docentes ao ensino de todas as etapas do PE pode contribuir para fragmentar esse instrumento de trabalho. Isso tem repercussões na vida profissional dos futuros enfermeiros, pela dificuldade de adoção dessa metodologia no cotidiano laboral, haja vista que na sua formação a abordagem é pontual. Exceção a esse modo de agir parece ser a conduta do participante D14, que referiu ensinar o PE principalmente de forma prática e com

O ensino do processo de enfermagem na ótica...

algumas abordagens teóricas, como se pode inferir do seguinte relato:

Eu acredito [no PE]. Tento usar sempre, em prática. Eu acho muito difícil ensinar um processo de enfermagem, teoricamente. Na disciplina da 3ª série [Sistematização da assistência de enfermagem], até precisa de algumas abordagens teóricas, mas a gente tem tentado desenvolver atividades que sejam teórico-práticas, em sala de aula, desde o primeiro dia da disciplina. [...] Nos estágios supervisionados, [...] se tenta incentivar e, de certa forma, cobrar mesmo que o aluno utilize, desenvolva a avaliação do cliente, identifique diagnósticos e registre, sob a forma de evolução de enfermagem. (D 14)

Esta conduta é corroborada por um estudo que traz que a forma mais adequada para o ensino do PE contemplaria tanto a abordagem teórica quanto a abordagem prática, ministrada por um mesmo docente.¹⁰ Porém, outro estudo apresenta que o ensino do PE ocorre de forma predominantemente teórica, não ocorrendo a sua utilização nas atividades práticas, o que torna ainda mais difícil o seu aprendizado pelo discente.¹¹

Além das divergências no ensino do PE em sua totalidade, percebe-se ainda que não há um consenso entre os docentes nem mesmo com relação ao ensino de uma única etapa. As divergências se estendem quanto à utilização de instrumentos para coleta de dados, pois observam-se docentes que são favoráveis à adoção de um único modelo de Histórico de Enfermagem para nortear o ensino, enquanto outros são totalmente contra o uso desses instrumentos de coleta, pois afirmam que eles limitam o desenvolvimento do raciocínio clínico do aluno.

Nós temos um modelo de histórico. Na verdade, ele está em constante reformulação. Todo o semestre a gente modifica um pouco esse modelo de histórico de enfermagem. Porque a gente quer que ele fique realmente objetivo, para que as pessoas identifiquem que é possível e que dá para fazer com todas as crianças. (D5)

O histórico, hoje, é o mesmo da disciplina de Semio I, Semio II, SAE, Intercorrências clínicas e intercorrências cirúrgicas. Finalmente, conseguimos ter o mesmo. Ele é muito amplo. Tem os dados de identificação, história pregressa e, depois, ele só aborda, assim, necessidades humanas básicas. (D14)

Evidencia-se um esforço dos docentes das disciplinas da área de saúde do adulto em manter um padrão comum para o histórico de enfermagem. Já na disciplina de saúde da criança, o histórico está em constante reformulação. Outros docentes afirmam não

Rosa CS da, Lunardi Filho WD, Pimpão FD et al.

O ensino do processo de enfermagem na ótica...

usar modelo de histórico, conforme se vê nos relatos a seguir.

Não uso um modelo de histórico [...]. Porque eu sempre digo para o aluno que ele fica muito bitolado, naquilo. (D10)

Nesses campos [em] que a gente atua, não tem modelo completo porque, também, a gente atua na quarta série [do curso] de enfermagem. (D13)

Diante disso, há um descompasso quanto ao uso de um modelo de histórico de enfermagem, o que pode deixar o aluno confuso, visto que cada docente tem uma abordagem diferente para uma mesma etapa.

Os discentes apresentam mais habilidade para realizar o histórico de enfermagem do que conhecimento. Mostra-se importante alertar que esta etapa se constitui de vários aspectos relativos ao paciente, como problemas de saúde, necessidades, entre outros, que precisam ser acuradamente identificados para planejar os cuidados necessários e implementar uma assistência de enfermagem adequada.¹⁰

Um estudo revela, a partir dos depoimentos dos discentes, que os mesmos reclamam do tempo consumido para o desenvolvimento do histórico de enfermagem, que é, em média, de 30 minutos, apesar de o histórico ter sido realizado de uma forma objetiva, a fim de se tornar algo prático e pouco demorado.¹³

Em relação à segunda etapa do PE, pôde-se constatar, a partir da análise das falas dos participantes apresentadas a seguir, a pouca ênfase dada à fase de elaboração dos diagnósticos de enfermagem. Quando de sua evocação, tal fase apareceu associada à etapa subsequente, ou seja, à fase de planejamento de enfermagem ou prescrição de enfermagem.

Eles mesmos fazem os diagnósticos e fazem os planos de cuidados e escrevem, na evolução, as condutas e os cuidados que não foram realizados ou que deverão ser novamente realizados. (D3)

Tem prescrição de enfermagem. Na prescrição de enfermagem, tem algumas ações que são fixas para todas as crianças e tem um espaço para se colocar o que é específico para aquela criança que internou. (D5)

Ele [aluno da disciplina Sistematização da Assistência de Enfermagem] só faz escrito. Ele não volta para aplicar. Porque ele ainda não tá cuidando integralmente do cliente. Mas, para eles, isso tem dado outra conotação para essa prática. Tem sido mais interessante. (D14)

Em relação à prescrição de enfermagem, conforme se pôde constatar pela análise das entrevistas, há diferentes formas de ocorrência da prescrição de enfermagem: em

algumas são escritas, enquanto em outras acontece o registro apenas dos cuidados que foram realizados na evolução de enfermagem, ou seja, o próprio discente que os realiza, é quem os registra mais tarde. Desse modo, pode-se perceber que poucos lugares em que são desenvolvidas as atividades das disciplinas teórico-práticas do curso de enfermagem apresentam um padrão próprio de prescrição de enfermagem.

Uma dificuldade encontrada na realização da prescrição de enfermagem pelos discentes é o pouco embasamento teórico e prático utilizado nesta atividade.¹² Um estudo apresenta que, muitas vezes, a prescrição de enfermagem não vem atrelada aos diagnósticos de enfermagem, mas sim se utiliza de uma lista de problemas relacionados ao paciente.¹³

Em relação à evolução de enfermagem, um estudo realizado com enfermeiros atuantes nos campos de prática das disciplinas e docentes de enfermagem reforça a ideia de que a maioria das informações da evolução dos pacientes e das ações de enfermagem realizadas são transmitidas verbalmente. Esta forma de transmissão oral dificulta o planejamento de uma assistência adequada ao paciente e o andamento do processo de trabalho da equipe de enfermagem, pois muitas informações importantes são perdidas no decorrer dos diferentes turnos, praticamente não existindo documentação sobre as mesmas.¹⁵ Isso é evidenciado no lacônico relato apresentado a seguir:

A prescrição de cuidados é verbal. (D2)

Documentar a assistência prestada é algo necessário para a visibilidade, a avaliação, o reconhecimento e a valorização da enfermagem. Outro estudo realizado demonstra o descaso com os registros das diferentes etapas do PE, dos diagnósticos de enfermagem, das ações/intervenções de enfermagem e dos resultados de enfermagem. Isso pode ser atribuído à falta de visibilidade do trabalho realizado pela equipe de enfermagem, à dificuldade para avaliar como está sendo realizado o cuidado de enfermagem ao paciente e à falta de reconhecimento e valorização do trabalho da enfermagem e de seus trabalhadores.¹⁶

♦ Processo de Enfermagem: da antipatia ao desenvolvimento do raciocínio clínico do estudante

Os docentes apontam certas dificuldades para a participação do discente no uso do PE nas atividades teórico-práticas de ensino-aprendizagem, conforme evidenciado nas falas a seguir.

Rosa CS da, Lunardi Filho WD, Pimpão FD et al.

O ensino do processo de enfermagem na ótica...

A hesitação na execução do processo baseada muito em uma antipatia do tema processo de enfermagem. Baseada na não vivência anterior do processo. Baseada em algumas dificuldades de comunicação. (D11)

Cabe destacar que a antipatia do aluno pelo PE e sua hesitação em utilizá-lo pode advir da desvalorização dessa metodologia enquanto instrumento de trabalho para melhoria do cuidado ao paciente, visto que os profissionais que se encontram no cenário de saúde das atividades práticas não adotam o PE no seu processo de trabalho.

Eu vejo que está muito aquém, ainda, do que a gente precisa. Eu acho que depende, também, das enfermeiras para que o aluno possa participar mais efetivamente. Precisa ter um incentivo de ambos os lados: da academia e do hospital [...] Eu acho que toda a questão do processo de enfermagem foi um marketing mal feito. (D7)

Reforçam as assertivas desses docentes, os resultados de um estudo comprovam que os estudantes de enfermagem consideram importante o PE. No entanto, algo que os deixa desapontados é o fato de não ser aplicado pelos enfermeiros na sua prática assistencial. Outro aspecto relatado pelos discentes é a dificuldade em apreender o PE, talvez pela necessidade de mais atividades teóricas e práticas, e maior aplicabilidade.¹⁷

Assim, não se tem como discordar da assertiva de que, à medida que os discentes percebem os benefícios da utilização do PE, mais motivados se tornam os docentes, que começam acreditar nesta metodologia, que é um meio sistemático e dinâmico de prestar o cuidado de enfermagem.¹⁸⁻¹⁹ É necessário destacar também que grande parte das dificuldades de utilização do PE pelos alunos nas atividades teórico-práticas das diferentes disciplinas do curso de enfermagem pode decorrer de fragilidades relacionadas à qualificação dos próprios docentes para ensinar/utilizar essa metodologia.

Essas situações evidenciadas vão ao encontro de uma pesquisa realizada nas Escolas de Graduação no Estado de São Paulo, que aponta como dificuldade a descrença na utilização dessa metodologia pelos docentes.¹⁸ Essa falta de motivação dos docentes frente ao ensino/utilização do PE pode repercutir de forma negativa na formação acadêmica dos discentes, pois estes não terão a oportunidade de vivenciar o cuidado de enfermagem de uma forma continuada e sistematizada.

Em relação à falta de conhecimento do docente a respeito desta metodologia, um estudo apresenta o próprio desinteresse do docente em se capacitar ou mesmo a falta de

incentivo da instituição na qual o docente trabalha.²⁰

Tendo em vista os benefícios do PE e as dificuldades no seu ensino, tornam-se necessários maiores investimentos na qualificação e capacitação dos docentes de enfermagem, para que o processo ensino-aprendizagem seja efetivo e prepare os discentes para poder planejar uma assistência qualificada e que atenda às necessidades do paciente.¹⁴

Para o sucesso da aprendizagem, a motivação é elemento de extrema importância, capaz de despertar o interesse do aluno para buscar mais informações, tendo em vista a necessidade de aprender determinado conteúdo ou habilidade.²¹

É sabido que a problemática da desarticulação entre teoria e prática, caracterizada pela dicotomia entre o que é ensinado e o que é visto nas atividades assistenciais da profissão, principalmente em relação à inexistência da implantação do PE, é realidade na maioria das instituições que servem de campo de ensino.²²

Portanto, há uma lacuna entre o que é ensinado na academia e o que é instituído nos cenários de atenção à saúde, podendo ocorrer, assim, desmotivação e descrença por parte dos discentes, pois estes aprendem a desenvolver esta habilidade (ainda que parcialmente) e, quando vão para as atividades práticas, não veem sua aplicabilidade e importância para o cuidado do paciente.

O emprego sistemático do PE pelos profissionais das instituições de saúde nos cenários de ensino, em conjunto com a valorização pelo corpo docente quanto ao uso do PE como eixo norteador do ensino são aspectos que devem ser fomentados, principalmente pela integração ensino-assistência, com vistas a reduzir o hiato teoria-prática na profissão.⁹

Por outro lado, os docentes apontaram como **facilidades à participação do discente** no uso do PE, a existência de uma disciplina específica para o ensino dessa metodologia, bem como para o desenvolvimento do raciocínio clínico.

As facilidades... O fato de ter uma disciplina de sistematização da assistência tornou muito mais fácil, porque eu trabalhava com esse conteúdo especificamente em práticas de enfermagem. (D6)

Facilidades eu acho que é a própria disciplina. Então, eu acho que o nosso aluno é instigado a desenvolver um raciocínio clínico desde a terceira série. (D8)

Tais manifestações enfatizam a importância que os docentes dão à disciplina de SAE, componente obrigatório da grade curricular do Curso de Enfermagem. Tal disciplina é cursada na 3ª série e desenvolve o ensino teórico e prático do PE. Os docentes dão ênfase, também, à própria integração dos docentes no desenvolvimento teórico e prático das demais disciplinas.

A partir das falas dos docentes, foi destacado como facilidade para o ensino e a utilização do PE o fato dos estudantes aprenderem uma etapa por vez, com tempo para assimilar este conhecimento, o que facilita, pois se torna algo mais natural e o entendimento do discente, por sua vez, gera um encantamento por esta metodologia. A partir do contexto apresentado, torna-se necessário refletir a respeito do ensino teórico e prático do PE na graduação para, assim, poderem ser preenchidas as lacunas existentes na formação dos futuros profissionais de enfermagem, combatendo as dificuldades encontradas, usufruindo e explorando as potencialidades das facilidades existentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que não há um consenso quanto ao ensino do PE na instituição em estudo. As metodologias utilizadas são diversas, englobando desde abordagens teóricas a abordagens teórico-práticas. Embora a Teoria das Necessidades Humanas Básicas tenha sido a mais citada, outros professores referem não utilizar qualquer teoria. Quanto aos registros, é dada prioridade à etapa da evolução de enfermagem, com exceção da disciplina SAE (Sistematização da Assistência de Enfermagem), que ensina e na qual o estudante desenvolve todas as etapas do PE, embora não retorne ao campo de estágio para implementar a prescrição de enfermagem. Alguns valorizam a adoção de um modelo de histórico de enfermagem, enquanto outros são contrários ao seu uso, justificando que o mesmo pode limitar o aprendizado e o desenvolvimento de habilidades pelo aluno.

Como contribuições da presente pesquisa à Enfermagem, enfatizam-se aquelas possíveis de influenciar no âmbito do ensino, da pesquisa e da assistência/extensão. Em relação ao ensino, este estudo poderá sensibilizar os docentes a respeito da necessidade de valorização do PE e de coerência no ensino e na utilização de todas as etapas na formação acadêmica. Em relação à pesquisa, espera-se que esta investigação contribua para fomentar o interesse dos docentes e profissionais de enfermagem por

novos trabalhos com esta mesma temática, com o foco nos docentes, nos discentes e na instituição. Por fim, em relação à assistência/extensão, espera-se que os diferentes profissionais da equipe de enfermagem se sensibilizem quanto à importância da utilização e implantação do PE, e à premente necessidade de integração ensino-assistência, com vistas a qualificar a enfermagem no que tange à formação e à assistência.

FINANCIAMENTO

Estudo realizado com apoio financeiro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 2011-2012, Rio Grande (RS), Brasil.

REFERÊNCIAS

1. Conselho Federal de Enfermagem (RJ). Resolução COFEN n.272, de 27 de agosto de 2002: Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) nas instituições de Saúde. Rio de Janeiro: COFEN; 2002.
2. Conselho Federal de Enfermagem (RJ). Resolução COFEN N. 358/2009, de 15 de outubro de 2009: Sistematização da Assistência de Enfermagem e a implementação do Processo de Enfermagem em ambientes, públicos ou privados, em que ocorre o cuidado profissional de Enfermagem. Brasília: COFEN; 2009.
3. Leon PAD, Nobrega MML. Nursing diagnosis in hospitalized children using nanda-I: A case study. Online braz J nurs [Internet]. 2012 [cited 2014 Oct 10];11(1):[about 5 p]. Available from: http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/3553/html_1
4. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN -3/2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. In: Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Diário Oficial da União. São Paulo; 2001. p.37.
5. Bettancourt I, Muñoz LA, Merighi MAB, Santos MF. Nursing teachers in clinical training áreas: a phenomenological focus. Rev Lat-Am Enfermagem [Internet] 2011 [cited 2011 Oct 9];19(5):1197-1204. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692011000500018
6. Soares MI, Felipe AOB, Terra FS, Oliveira LS. O significado do processo de enfermagem para alunos de graduação em enfermagem. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2013 [cited 2015 Mar19];7(1):162-7 Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/3243/pdf_1863
7. Takahashi AA, Barros ALB, Michel JLMM, Souza MF. Dificuldades e facilidades apontadas por enfermeiras de um hospital de ensino na

Rosa CS da, Lunardi Filho WD, Pimpão FD et al.

O ensino do processo de enfermagem na ótica...

execução do processo de enfermagem. Acta paul enferm [Internet] 2008 [cited 2014 Oct 9];21(1):32-8. Available from: http://www.scielo.br/pdf/apv/v21n1/pt_04.

8. Moraes, R. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: Galiazzi MC, Freitas JV, editores. Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. Ijuí: Ed.Unijuí; 2005 p. 85-114.

9. Luzia MF, Costa FM, Lucena AF. O Ensino das etapas do processo de enfermagem: revisão integrativa. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2013 [cited 2014 Oct 19];7(esp):6678-87 Available from: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/85456/000908779.pdf?sequence=1>

10. Leadebal ODCP, Fontes WD, Silva CC. Ensino do processo de enfermagem: planejamento e inserção em matrizes curriculares. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2010 [cited 2014 Oct 9];44 (1) 190-8. Available from: <http://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/40526/43622>

11. Matos, J C Luz GS, Marcolino JS, Carvalho MDB, Peloso SM. Ensino de teorias de enfermagem em Cursos de Graduação em Enfermagem do Estado do Paraná - Brasil. Acta paul enferm [Internet] 2011 [cited 2014 Oct 10]; 24(1):23-8-8. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002011000100003

12. Silva AGI, Peixoto MAP, Brandão MAG, Ferreira MA, Martins JSA. Dificuldades dos estudantes de enfermagem na aprendizagem do diagnóstico de enfermagem na perspectiva da metacognição. Esc Anna Nery. [Internet]. 2011 [cited 2014 Oct 10];15(3):465-471. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v15n3/a04v15n3.pdf>

13. Gonçalves LRR, Nogueira LT, Nery IS, Bonfim EG. O desafio de implantar a sistematização da assistência de enfermagem sob a ótica de discentes. Esc Anna Nery.

14. [Internet]. 2007 [cited 2014 Oct 10];11(3):459-65. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n3/v11n3a10.pdf>

15. Cossa RMV, Almida MA. O ensino do processo de enfermagem em uma universidade publica e hospital universitário do sul do Brasil na perspectivas de docentes e enfermeiros. Rev Rene. [Internet]. 2012[cited 2014 Dec 11];13(3):494-503.Available from: http://www.revistarene.ufc.br/revista/index.php/revista/article/view/714/pdf_1

16. Foschiera F, Viera CS. O diagnóstico de enfermagem no contexto das ações de enfermagem: percepção dos enfermeiros docentes e assistenciais. Rev. eletrônica enferm

[Internet]. 2004 [cited 2014 Oct 10];6(2):189-98. Available from: http://www.fen.ufg.br/revista/revista6_2/pdf/Orig6_diag.pdf

17. Garcia TR, Nóbrega MML. Processo de enfermagem: da teoria a prática assistencial e de pesquisa. Esc Anna Nery [Internet] 2009 [cited 2014 Oct 10];13(1):188-193. Available from: http://www.eean.ufrj.br/revista_enf/20091/ARTIGO%2024.pdf

18. Damaceno RC, Santos SSC, Pivoto FL, Silva BT, Silveira RS. Nursing assistance systematization: nursing students opinion. J Nurs UFPE on line [Internet]. 2009 [cited 2014 Oct 10];3(3):73-81. Available from: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/158/pdf_899

19. Dell'acqua MCQ, Miyadahira, AMK. Processo de enfermagem: fatores que dificultam e os que facilitam o ensino. Rev. esc. enferm. USP [Internet] 2000 [cited 2014 Oct 16];34(3):383-9. Available from: <http://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/41180/44726>

20. Amante LN, Rossetto AP, Schneider DG. Nursing care systematization at the intensive care unit (ICU) based on Wanda Horta's theory. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2009[cited 2014 Oct 10]; 43 (1) 50-60. Available from: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n1/en_07.pdf

21. Venturini DA, Matsuada LM, Waidman MAP. Produção científica Brasileira sobre sistematização da assistência de enfermagem. Ciênc cuid Saúde [Internet]. 2009 [cited 2014 Oct 16];8(4):707-15. Available from: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/viewFile/9710/5408>.

22. Gil, AC. O que é didática do ensino superior. 3 ed. São Paulo: Atlas; 2006.

23. Modesto CL, Portela RBM, Amorim F C M, Ribeiro IAP, Branco FMFC, Lago LC. O ensino do processo de Enfermagem no cotidiano dos acadêmicos de enfermagem. R Interd [Internet] 2014 [cited 11 Dec 2014];7(1):113-122. Available from: http://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinter/article/view/248/pdf_101

Submissão: 15/01/2015

Aceito: 13/05/2015

Publicado: 01/06/2015

Correspondência

Joice Simionato Vettorello
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Campus Rio Grande- Departamento de Enfermagem
Rua Engenheiro Alfredo Huch, 475
Bairro Centro
CEP 96201-460 – Rio Grande (RS), Brasil